

Destruição de pontes deixa 15 mil civis isolados

Rússia anuncia abertura de corredor humanitário em Severodonetsk



ARIS MESSINIS/AFP/IC

Russos destruíram todas as três passagens que ligavam cidade do leste ao restante do território ucraniano

guerra na
UCRÂNIA



As tropas russas destruíram na segunda-feira todas as três pontes que ligavam a cidade de Severodonetsk ao restante da Ucrânia, deixando cerca de 15 mil civis completamente acucados e impedidos de escapar do conflito. Apesar da ofensiva, o governador da província de Luhansk, Serguei Gaidai, afirmou que a Rússia não

havia “capturado completamente” a cidade e “30% dela” ainda estava sob controle das forças ucranianas.

Os bombardeios russos se concentram em uma zona industrial da cidade. A Rússia tem usado a superioridade de sua artilharia para ditar o ritmo do conflito na região de Donbass. Gaidai afirmou que os disparos estão destruindo Severodonetsk “quarteirão por quarteirão”. Ele classificou a situação como “extremamente difícil”, após a destruição das pontes. Há três semanas, uma outra ponte já havia sido destruída pelos russos.

Com isso, cresce o temor de que uma situação similar à da usina siderúrgica Azovstal, em Mariupol, possa se repetir, com civis e militares sendo bombardeados

de forma incessante em um cerco prolongado. Nesta terça-feira, o Ministério da Defesa da Rússia anunciou que irá abrir um corredor humanitário na cidade de Severodonetsk e que ofertará às forças ucranianas a opção da rendição nesta quarta-feira.

Os separatistas pró-Rússia que lutam na região afirmaram que as últimas divisões ucranianas em Severodonetsk estavam “isoladas”, após a destruição da última ponte. O porta-voz da República Popular de Donetsk - um dos estados reconhecidos pela Rússia no começo da invasão - afirmou que a única saída para os ucranianos é a rendição. “Eles têm duas possibilidades: render-se ou morrer”, disse Eduard Basurin, porta-voz dos separatistas.

Donbass é o epicentro nas últimas duas semanas

A região do Donbass se tornou o epicentro da guerra nas últimas semanas, desde a vitória russa na cidade portuária de Mariupol e do sucesso ucraniano em defender posições no norte e nordeste do país. Uma vitória em Severodonetsk e Lisichansk aproximaria a Rússia de um dos objetivos da invasão, que era a “libertação” da região.

A conquista também abriria o caminho para que as tropas da Rússia cheguem a outra grande ci-

dade, Kramatorsk, uma etapa importante para conquistar toda a região de fronteira, reclamada por separatistas pró-Rússia desde 2014.

Um relatório de inteligência do Ministério da Defesa do Reino Unido divulgado na segunda-feira afirmou que operações de travessia de rios, provavelmente, serão fatores determinantes nos próximos meses, já que tanto Rússia quanto Ucrânia têm implodido pontes - no caso de Kiev, para dificultar a passagem das tropas russas.

“O principal setor de 90 quilômetros da linha de frente da Rússia em Donbass fica a oeste do rio Donetsk. Para alcançar o sucesso na atual fase de sua ofensiva, a Rússia terá de concluir ações de flanco ambiciosas ou realizar travessias do rio”, aponta o relatório, acrescentando que “a Rússia tem lutado para por em prática a complexa coordenação necessária para realizar travessias fluviais bem-sucedidas e em larga escala sob fogo”.

UE compra 110 mil doses de vacina contra varíola dos macacos

/ SAÚDE

A União Europeia (UE) informou que concluiu nesta terça-feira um contrato para comprar “cerca de 110 mil doses” de vacina contra a varíola dos macacos. A informação foi divulgada pela comissária de Saúde da UE, Stella Kyriakides, segundo a qual as primeiras entregas devem ocorrer neste mês.

Stella destacou que é a primeira vez que fundos da UE são usados para a compra de imu-

nizantes. Para ela, a aquisição é também um exemplo da potencial resposta rápida do bloco a ameaças de saúde.

Na semana passada, a Organização Mundial de Saúde (OMS) contabilizava mais de mil casos de varíola dos macacos em 29 países nos quais a doença não é endêmica. A doença já foi registrada no Brasil - são três casos, sendo um em Porto Alegre -, mas especialistas alertam que ela não deve causar o mesmo estrago da Covid-19.

Escócia lança campanha pela independência do Reino Unido

/ REINO UNIDO

A premiê da Escócia, Nicola Sturgeon, lançou uma nova campanha pela independência do país do Reino Unido nesta terça-feira e anunciou que está quase pronta para dar mais detalhes sobre como o parlamento descentralizado escocês poderia avançar com um novo referendo, mesmo sem o consentimento do governo britânico.

“Depois de tudo o que se passou, o Brexit, a Covid, Boris Johnson, chegou a hora de apresentar uma visão diferente e melhor”, disse Nicola a repórteres em Edimburgo. “É hora de falar de independência”, acrescentou.

O premiê britânico, Boris Johnson, e seu Partido Conservador, que é de oposição na Escócia, são contrários ao referendo, e devem tentar impedi-lo. Os conservadores defendem que a questão foi resolvida em 2014, quando os escoceses votaram contra a separação do Reino Unido, por 55% a 45%.

Mas os partidos pró-independência, liderados pelo Partido Nacional Escocês (SNP), conquistaram a maioria no parlamento em uma eleição realizada no ano passado, que Sturgeon disse que lhe deu um “mandato democrático indiscutível” para levar adiante os planos de um segundo referendo. A legenda argumenta que o Brexit, decidido dois anos depois do último referendo - que foi contestado pela maioria dos escoceses -, mudou a situação e que a Escócia deveria poder ingressar na União Europeia como um estado independente. “O Brexit nos tirou da UE e do mercado único contra nossa vontade, com enormes danos ao comércio, condições de vida e serviços públicos”, disse Sturgeon. Ela afirmou que pretende rea-



RUSSELL CHEYNE/POOL/AFP

Para Nicola, é ‘hora de apresentar uma visão diferente e melhor’

lizar uma votação até o final de 2023, embora Johnson tenha se recusado a emitir uma ordem da “Seção 30” para autorizar o referendo. O trabalho ainda está em andamento sobre o procedimento, considerada a contestação britânica.

Johnson, por outro lado, disse que a posição de seu governo não mudou e que ele quer se concentrar em temas mais urgentes, como a recuperação da pandemia e o combate à crise do custo de vida. “A decisão foi tomada pelo povo escocês há apenas alguns anos”, disse ele. “Acho que devemos respeitar isso e também devemos nos concentrar no que acho que todo o Reino Unido - Escócia, Inglaterra, todo mundo - quer que olhemos, que é a posição econômica em que estamos”.

Nicola, uma crítica mordaz de Johnson e do Brexit, estava falando no lançamento do primeiro de vários documentos políticos que defendem a independência. Ela argumentou que a Escócia tinha o mesmo tamanho de vários outros países europeus que eram mais justos e ricos do que o Reino Unido.